

**Felte Bezerra e a antropologia regional: Um estudo sobre o intelectual do Homem sergipano**

**Felte bezerra and antropology regional: A study on the intellectual of the Sergipe Man**

Matheus Felipe Bispo dos Santos

**RESUMO**

O trabalho visa reconstituir a trajetória intelectual de Felte Bezerra, notando como os seus percursos construíram o que hoje podemos chamar de Antropologia em Sergipe. Os caminhos percorridos por Felte em dois momentos, 1938-1959 e 1972-1988, nos ajudam a pensar um intelectual da periferia que buscou se inserir no centro dos debates nacionais e estabeleceu uma rede de contatos com outros intelectuais conceituados, que propiciou o seu desenvolvimento acompanhando o campo antropológico. Analisamos então o seu livro *Etnias Sergipanas*, que marcou sua carreira e a antropologia em Sergipe.

**Palavras-chave:** Felte Bezerra; Antropologia Sergipana; Intelectual da periferia; Etnias sergipanas.

**ABSTRACT**

The work aims to reconstruct Felte Bezerra's intellectual trajectory, noting how his trajectories built what we can today call Anthropology in Sergipe. The paths taken by Felte in two moments, 1938-1959 and 1972-1988, help us to think an intellectual from the periphery who sought to insert himself in the center of national debates and established a network of contacts with other respected intellectuals, which enabled his development following the anthropological field. We then analyzed his book *Etnias Sergipanas*, which marked his career and anthropology in Sergipe.

**Keywords:** Sergipe Anthropology; Intellectual from the periphery; Sergipe ethnic groups.

**INTRODUÇÃO**

Felte Bezerra pode e deve ser considerado um dos mais primorosos intelectuais regionais num contexto do Brasil em sua nova fase intelectual. O que pretendemos apresentar é como a trajetória e os trabalhos de Felte anunciam as dinâmicas de um novo Brasil e nos permite refazer os percursos de constituição e consolidação das ciências sociais no país. O autor inaugura os estudos antropológicos em Sergipe e contribui de modo determinante para o desenvolvimento das Ciências Sociais no Estado.

O livro das autoras Beatriz Góis Dantas e Verônica Nunes (2009), por exemplo, traz, a partir das correspondências de Felte Bezerra, um olhar sobre esse antropólogo sergipano, que fez da Antropologia a sua vida e se dedicou a pesquisar e a construir um

caminho teórico-metodológico com base nas interlocuções estabelecidas com grandes nomes da sua época, como Arthur Ramos, Donald Pierson e Emílio Willems. Muitas vezes, um nome esquecido nas Ciências Sociais brasileira, Felte Bezerra deixou grandes marcas e um legado incrível sobre as investigações culturais de sua terra.

Deste modo, faremos aqui uma breve apresentação desta figura emblemática, que dedicou sua vida à pesquisa científica e aos estudos de uma “Antropossociologia” como o mesmo em alguns momentos nomeava. Remontaremos, aqui, o seu percurso intelectual, observando os momentos em que Felte se destaca como precursor do que podemos caracterizar como uma tradição das Ciências Sociais em Sergipe. Para tanto, utilizaremos aqui de trabalhos bibliográficos sobre o autor, que visavam apresentar Felte e seus percursos na pesquisa científica.

Felte Bezerra nasceu em 25 de dezembro de 1908 em Aracaju, filho de Esmeralda Araújo e Abdias Bezerra, que era professor do Colégio Ateneu Sergipense. Segundo Dantas & Nunes (2009), ele trabalhou durante um tempo no comércio até ir para a Bahia cursar Odontologia, voltou em 1934, tendo tido grande proximidade com os alunos de medicina e as discussões antropológicas do período. Muito jovem, se torna professor catedrático de Geografia no Colégio Ateneu, defendendo a sua tese, *Da Terra*, em 1938.

Foi dentro do quadro geral de institucionalização do ensino de Geografia no Brasil dos anos de 1930, com a criação de cursos nas Universidades e de organismos profissionais, que Felte Bezerra desenvolveu sua vocação para as Ciências Sociais, especialmente, a antropologia (SÁ, 2009, p. 260).

Por ter crescido ao lado de seu pai, Felte sempre teve grande apreço pelas leituras e estudos. Desde jovem, se interessava pelo saber e pela pesquisa. É na década de 1930, quando vai à Bahia estudar odontologia que Felte estabelece os primeiros contatos com as discussões mais aprofundadas sobre a antropologia. Como nos mostra Dantas (2006) havia, na década de 1920, a necessidade de sair de Sergipe para estudar, Felte adiou o seu sonho de fazer faculdade pela necessidade de trabalhar e ajudar a família. Após quatro anos trabalhando como gerente comercial e bancário, presta vestibular em Salvador, mas, por questões financeiras, não pode fazer medicina e faz odontologia.

Na Faculdade e nas pensões da velha cidade, convive com estudantes de medicina, muitos deles sergipanos como Garcia Moreno, de quem se torna amigo e parceiro nas discussões acadêmicas, e, Lourival Bonfim, com quem treina o inglês que lhe facultará mais tarde a leitura de muitos livros não traduzidos (DANTAS, 2006, p. 33).

A Faculdade de Medicina da Bahia tinha como referência grandes cientistas do século XIX e XX, como Nina Rodrigues, Arthur Ramos, Pirajá da Silva, entre outros. O

lugar de destaque que a mais antiga Faculdade de Medicina do país ocupava, foi sem dúvida nenhuma, fundamental para o encantamento de Felte e sua necessidade de estabelecer vínculos com a pesquisa e com a ciência, sobretudo na sua relação com Garcia Moreno, que durante os anos se transformou num grande parceiro de pesquisa e amigo, com quem construiu diversos projetos, como em 1938 juntamente Colombo a fundação do Centro Cultural de Sergipe, que fazia reuniões com outros intelectuais para discutir assuntos diversos. Muitos desses intelectuais vão compor a cena sergipana em décadas posteriores, se tornando referências. “Como assinala Garcia Moreno, mais que dar-lhe uma profissão o curso superior foi fundamental no sentido de renovar o gosto pelo estudo, pelo aprimoramento cultural, reavivando as tendências da sua formação humanística.” (DANTAS, 2006, p. 33).

É ao voltar para Sergipe, em 1934, que os caminhos o levarão para a sua primeira experiência com a docência no Colégio Ateneu Sergipense, após o seu ingresso em 1938, Felte se desenvolveu como intelectual. Um importante ponto a ser destacado é o de como a Geografia se torna o espaço principal, no qual Felte consegue se relacionar com a Antropologia, articulando a dimensão do meio físico e das etnias, abrindo uma discussão na dimensão cultural do homem.

Além de fazer leituras de grandes obras das ciências humanas, como *The Study of Man*, de Ralph Linton, que o fez se inserir e se apaixonar pela antropologia, Felte desenvolvia pesquisas e escrevia trabalhos para apresentar em eventos, como no Congresso de Brasilidade de 1941 (DANTAS, 2006). As pesquisas sobre a realidade sergipana lhe davam uma certa robustez etnográfica, que já prenunciava o que mais tarde seria o seu mais destacado livro, *Etnias Sergipanas*.

A rede de articulação com outros antropólogos que se espalha em todo o Brasil no fim da década de 1940, época em que Felte se envolve com muito afinco no processo de institucionalização do Folclore, escrevendo um Verbete sobre o Lambe-sujo, que integra o Dicionário do Folclore Brasileiro de Câmara Cascudo. É entre os anos 40 e 60 que observamos o período de maior movimento de sua carreira. Foi um homem de vários interesses, tendo desempenhado grandes papéis, como presidente do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe, Secretário Geral da Comissão Sergipana de Folclore, membro da Academia Sergipana de Letras e um dos fundadores da Sociedade de Cultura Artística de Sergipe em 1951; assim como publicava frequentemente nos jornais da cidade, produzia textos e trabalhos.

Destacamos, por fim, como um último ponto desse primeiro momento, a publicação do seu livro *Etnias Sergipanas*, em 1950, que o projetou como um grande pesquisador regional do homem sergipano. Emílio Willems ocupa lugar central nas correspondências de Felte nos anos 40, como nos mostram DANTAS & NUNES (2009), no papel de grande interlocutor e incentivador das pesquisas de Felte, estimulando suas investidas no campo e até mesmo contribuindo de forma teórica e metodológica, como é evidenciado em *Etnias Sergipanas*.

Vale destacar que uma grande referência para Felte, foi Arthur Ramos, que tinha sido seu professor em Salvador, na Faculdade de Medicinas e estava no Rio de Janeiro. Ao terminar o seu livro "Introdução à Antropologia Brasileira" e salientar a necessidade de estudos antropológicos regionais, serve de inspiração para Felte, que lhe escreve pedindo parecer sobre o início das suas pesquisas a respeito das etnias em Sergipe.

Terreiros de Xangô e toré, folguedos folclóricos, tipos físicos, documentos históricos, vão passando pelo olho do pesquisador munido das teorias correntes na época, adaptadas às circunstâncias e condições locais que pretende compreender. O seu conhecimento do regional e do local se nutre do saber gerado em outros centros, com os quais de mantém em contato para não perder de vista o geral (DANTAS, 2006, p. 38).

No final da década de 1940, o seu livro *Etnias Sergipanas* fica pronto e é prefaciado por Emílio Willems, tendo como inspiração de roteiro a obra de Arthur Ramos e uma forte presença do culturalismo americano, coisa semelhante ao que é visto em *Casa Grande e Senzala*, de Gilberto Freyre, observando os caminhos dos elementos, negro, branco e índio em Sergipe, destacando as implicações dos contatos biológicos e culturais. Deste modo, começamos a perceber a presença do intelectual Felte Bezerra, que, a partir de suas pesquisas e sua obra, se consolida como figura singular no cenário sergipano daquele período.

### **Os percursos de um antropólogo por vocação nas ciências sociais**

Felte viveu o início de sua carreira intelectual nos anos 1930, período conturbado na sociedade brasileira, época de transição política e de uma tentativa de acomodação da nossa nascente república. Para as Ciências Sociais, a década de 30 marcou um momento significativo para a recepção e início da consolidação do campo no Brasil. Segundo Cardoso de Oliveira (1988), os anos 20 e 30 podem ser enquadrados num período da Antropologia, que o autor nomeia de "heroico", cujos nomes centrais que marcam o momento são Curt Nimuendaju, com as pesquisas sobre Etnologia Indígena e Gilberto Freyre, com os estudos acerca da Sociedade Nacional. É um momento marcado por um

caráter aventureiro da pesquisa antropológica, no qual esta ciência ainda não estava institucionalizada e procurava fixar raízes no solo brasileiro.

Entretanto, devemos notar que o período de 1920-1930 foi marcado por uma forte influência do Culturalismo norte-americano de Franz Boas no campo antropológico e até mesmo sociológico, no qual, gradualmente, a categoria *raça* era substituída pela categoria *cultura* e por conceitos correlatos, como o de *adaptação, contato racial e social, distância social* (CÂNDIDO, [1960] 2006). Segundo o autor, é a partir dessa perspectiva culturalista que o campo se orienta e redefine o seu desenvolvimento. Antonio Cândido [1960] (2006) nos leva uma década adiante e destaca o período entre 1930-1940 como momento de transição na sociologia brasileira, no qual autores como Gilberto Freyre, Sérgio Buarque de Holanda e Caio Prado Júnior marcam essa mudança com suas obras, que representavam grandes sínteses da sociedade brasileira.

De fato, o que nos interessa tratar aqui é como Felte acompanhou um período fértil nas ciências sociais, no qual a expansão da área se mostrava nítida, com a inclusão da sociologia no ensino básico, a criação de escolas sociológicas e dos primeiros cursos de ciências sociais. O jovem que tinha amor pelo saber humanístico acompanhava o florescimento da Antropologia e da Sociologia como ciências de reconhecimento social, que agora deveriam pensar o Brasil e as suas diferenças e particularidades.

Sendo assim, demarcamos aqui o período entre 1920-1940 como o período de maior transformação das ciências sociais e de consolidação de pesquisas e teorias na área. A publicação de *Casa Grande & Senzala*, em 1933, marca de modo determinante o pensamento social brasileiro da época, é no bojo do paradigma culturalista que Gilberto Freyre constrói a imagem do Brasil. A partir da herança de Sílvio Romero acerca da miscigenação no Brasil, Gilberto Freyre apresenta um rigor metodológico que é utilizado para o estudo e análise de uma economia agrária da família patriarcal, das ambíguas relações entre a casa grande e a senzala e daquilo que se poderia chamar de miscigenação.

É o legado dessa obra que direciona os estudos antropológicos sobre as etnias brasileiras e dá contornos suaves aos debates sobre a relação entre negros e brancos no Brasil. A ideia de uma democracia racial encontrava então uma fundamentação antropológica, o esforço feito por Gilberto Freyre em suas análises evidenciava uma via dupla sobre o pensamento acerca das relações sociais no país, ao passo em que a lógica do Brasil como paraíso da comunhão racial vigorava no exterior, a lógica da miscigenação era a brecha de legitimação dessa democracia racial. Ao tratar sobre o caráter transnacional dos estudos afro-brasileiros, Lívio Sansone (2012) apresenta o Brasil das

décadas de 20, 30 e 40, que foi laboratório dos estudos raciais, o que culminou no projeto da UNESCO na década de 50.

De fato, a percepção de que a Bahia e o Brasil eram os lugares "ideais" para um tal projeto de grandes proporções e politicamente relevante sobre a cultura negra e as relações raciais no novo mundo foi o resultado de um processo mais longo, iniciado na década de 1930 (ROMO, 2009 e 2010), que se baseou em uma sinergia entre as políticas culturais do Estado Novo, a introdução da sociologia e da antropologia como disciplinas acadêmicas nas universidades brasileiras e a maneira como muitos estudiosos estrangeiros, especialmente norte-americanos e alemães, fugindo seja da segregação racial seja do nazismo, assumiram a representação oficial do Brasil como uma democracia racial. Como demonstrou o livro organizado por David Hellwig (1992), a partir dos anos de 1920 tanto acadêmicos como intelectuais negros baseados nos Estados Unidos passaram a retratar o Brasil como um alter ego da segregação vivida em seu país (SANSONE, 2012, p. 10-11).

Deste modo, se considerarmos a primeira fase da carreira acadêmica de Felte entre os anos 1930 e final da década de 1950, encontramos a tentativa de pensar o país em meio aos conflitos em torno do que caracteriza o Brasil. Entretanto, mesmo não estando inserido de forma aprofundada nesses debates<sup>1</sup>, pois esse nem mesmo era seu interesse, Felte acompanha as discussões da época e, é na década de 40, que desenvolve os seus estudos sobre as etnias em Sergipe, partindo de uma orientação teórica e metodológica que tem sua fonte no trabalho de Gilberto Freyre.

Felte tinha verdadeira admiração pelos intelectuais de sua época, como é o caso de Arthur Ramos, que foi seu professor na Faculdade de Medicina da Bahia e que se destaca no cenário intelectual como um dos grandes antropólogos brasileiros. É com a publicação de seu livro *Introdução à Antropologia brasileira* em 1943 que Arthur Ramos destaca a importância da realização de estudos antropológicos regionais, o que serve de inspiração para Felte, que escreve para ele pedindo um parecer sobre o início de suas pesquisas em relação às etnias em Sergipe (DANTAS, 2006)

De Gilberto Freyre, em *Casa Grande & Senzala* (1933), o escritor defende a idéia da "micibilidade lusitana, em sua capacidade genética de cruzamento" (p. 8). Essa influência do culturalismo norte-americano já se fazia presente no livro *Etnias Sergipanas*, em sua análise sobre os resultados dos contatos biológicos e culturais das trajetórias dos elementos branco, negro e índio em terras de Sergipe. Vale registrar, ainda, a presença das ideias de mestiçagem e

---

<sup>1</sup> As discussões raciais são observadas de forma mais acentuada nas correspondências entre Felte e Oracy Nogueira. "Após apresentar o livro, Oracy se concentra basicamente no capítulo final, intitulado "Contato e Relações de Raça", criticando a tendência do autor em identificar-se com o ponto de vista tradicional que implica numa visão lisonjeira dos padrões inter-raciais brasileiros e também chama a atenção para sua dificuldade em distinguir os prejuízos do preconceito de classe e do preconceito de cor. A crítica de Oracy Nogueira endereçada a Felte Bezerra era no fundo também uma crítica a Pierson, em quem se louvava." (DANTAS & NUNES, 2009, p. 89)

aculturação propostas pelo livro clássico de Arthur Ramos, *Introdução à Antropologia Brasileira* (SÁ, 2009, p. 268).

Com a publicação de *Etnias Sergipanas* em 1950, Felte inaugura o seu primeiro grande trabalho antropológico, o que faz com que o seu interesse pela pesquisa se aguace cada vez mais. Em 1951 junto à outros intelectuais sergipanos, Felte ajuda a fundar a Faculdade Católica de Filosofia de Sergipe, onde passa a ocupar a cadeira de Etnologia e Etnografia do Brasil. Podemos dizer que é na década de 50 que ele caminha para uma maturidade intelectual, as suas percepções teóricas e o seu arcabouço metodológico solidifica o intelectual que sempre quis ser.

Como nos mostram Dantas & Nunes (2009), na década de neste período o autor já tinha conseguido estabelecer uma rede de interlocução com vários outros intelectuais além de Emílio Willems como, Donald Pierson, Roger Bastide, Oracy Nogueira, Câmara Cascudo. Essa rede, permite a Felte ganhar certa influência e se inserir na cena intelectual brasileira dos anos 50 com certa notoriedade, tendo uma obra reconhecida e admirada<sup>2</sup>.

É no fim dos anos 50, que devido a problemas pessoais Felte deixa a sua cadeira na Faculdade de Filosofia, doa todos os livros para esta e de modo repentino decide abandonar a vida acadêmica e suas pesquisas. Felte se muda para o Rio de Janeiro com sua mulher e filhos e lá começa uma nova vida, fora da cena intelectual. Porém, o que nos interessa tratar por enquanto é sobre os processos de desenvolvimento das ciências sociais nos anos 60 e 70, justamente o período do hiato na vida acadêmica e intelectual dele.

É nos anos 1960 que os primeiros programas de pós-graduação em Antropologia surgem no país (PEIRANO, 2000). Mesmo em meio a ditadura militar em 1964, a década de 60 proporciona uma expansão das ciências sociais e a abertura de novos campos de pesquisa, que começam a inserir a mulher e o negro no centro do debate. Para Peirano (2000) é somente na década de 1960 que a Antropologia se firma como ciência social, o que antes era um apêndice de uma sociologia dominante dos anos 40 e 50 passa a se expandir pelo desenvolvimento de novos conceitos e da sua reprodução através das nascentes pós-graduações.

---

<sup>2</sup> Em sua correspondência com Felte Bezerra, Roger Bastide em 1951 reforça a importância de pesquisas como a de Felte para a Coleção de Estudos Sergipanos, além de elogiar a obra, Bastide informa que iria divulgar a obra em revistas francesas, pois se achava no dever de tornar os intelectuais brasileiros conhecidos, como contrapartida de sua estadia no país. Bastide se interessou principalmente no apêndice “Xangô-Lambe-sujo” (DANTAS & NUNES, 2009)

Ainda que, como nos mostra Cardoso de Oliveira (1988), tenhamos na fase "carismática" da antropologia, nomes representativos como o de Florestan Fernandes e Darcy Ribeiro, esses autores ocupam um lugar fronteiro entre a sociologia e a antropologia no Brasil. É somente em sua fase "burocrática" nos anos 60 que a Antropologia alça vôos para um caminho cada vez mais singular, que circunscreve de vez o seu espaço de ciência.

É justamente esse o ponto de nossa discussão, apesar de seu amor pela Antropologia, Felte perde o grande processo de expansão de sua área, perde os anos mais preciosos desse desenvolvimento, fato que faz com que seu retorno à cena intelectual em 1972 se torne mais complicada. Após mais de uma década no Rio de Janeiro, vivendo fora do circuito acadêmico se ocupa de outras coisas, como a ocupação de secretário da Ordem dos Músicos do Brasil, mas nada o faz esquecer a Antropologia. Mais de uma década depois, Felte retoma as leituras de Antropologia, buscando se atualizar sobre as mudanças teóricas do campo, buscando livros que pudessem referenciá-lo para as mudanças da área. Fez isso para acompanhar os debates da época, mesmo que de forma isolada, pela ausência de interlocutores naquele momento.

### **A trajetória intelectual de Felte e a circularidade de sua rede**

Os caminhos teóricos e metodológicos de Felte demonstram de modo acentuado os traços de um intelectual de sua época. Podemos perceber, que o próprio Felte cavou as estradas a serem percorridas em sua trajetória intelectual. O que nos chama atenção em seu percurso é que a suas influências epistemológicas se devem à rede de articulação que ele conseguiu estabelecer nas décadas de 40 e 50.

Para falarmos então sobre essas influências e esse caminho percorrido, devemos acessar as memórias dessas trocas, que sinalizam para um Felte situado nacionalmente num contexto de expansão das ciências sociais. Podemos então expor de forma breve, as orientações teóricas e metodológicas que fizeram de Felte Bezerra um grande antropólogo e o preparam para os estudos das etnias em Sergipe.

Podemos então começar pela Geografia que se torna o espaço principal, onde Felte consegue se relacionar com a Antropologia, articulando a dimensão do meio físico e das etnias, abrindo uma discussão na dimensão cultural do homem. Sá (2009) relaciona esse entrecruzamento da Antropologia e da Geografia ao legado de Friedrich Ratzel, na medida em que este foi um dos pais do difusionismo no século XIX e trouxe a tona um novo pensamento geográfico, estruturado numa Antropogeografia, ou o que seria a

Geografia Humana. No entanto, Felte se aproximava do pensamento de Le Blache sobre uma Geografia Humana e se distanciava do determinismo de Ratzel. Felte acreditava que para além da determinação do meio sobre o homem, deveria-se pensar na relação entre o meio e o homem, bem como converge com o pensamento de Hipolite A. Taine sobre o meio para além do meio físico, levando em conta os fatores sociais, culturais e psicológicos.

O Felte que via no determinismo explicações simplistas se constituía num processo ambíguo de uma fronteira entre a Geografia e a Antropologia, que é descrito por Dantas & Nunes (2009) como uma dupla passagem, realizada principalmente com a sua tese *Da Terra*, que marca sua transição entre a Geografia física e a Geografia humana e depois para a Antropologia. Como nos mostra Dantas (2006) a partir do Estado Novo a Geografia se torna disciplina de peso, ganhando um destaque e um espaço grande no currículo educacional. De fato, não podemos negar que a experiência docente de Felte com a Geografia preparou o terreno do Felte antropólogo, que via nessas ciências as pistas para o desenvolvimento de suas pesquisas.

No entanto, é do culturalismo norte-americano que Felte herda as principais influências em suas pesquisas antropológicas. Tendo como espelho Gilberto Freyre, ele facilmente tomou para si a categoria cultura, como algo a ser explorado e fundamental para a compreensão da realidade sergipana. *Etnias Sergipanas* carrega consigo uma marca, em escala regional, das grandes sínteses do Brasil, a interlocução entre os conceitos culturalistas e os dados de sua pesquisa faziam um casamento perfeito, que entregava à sociedade uma pesquisa inovadora em Sergipe, que evidenciava as bases da formação de um povo e as idiossincrasias de suas relações étnicas e sociais.

Considero que o segundo momento de seu percurso epistemológico se situa nas correspondências com os intelectuais de sua época, sobretudo com Emílio Willems. As trocas que Felte passa a ter com a Escola Livre de Sociologia e Política de São Paulo são fundamentais para a sua construção teórica e metodológica, os seus frequentes diálogos com Willems dão contornos fundamentais à sua vida intelectual.

Quanto ao projeto anunciado por Felte Bezerra sobre as etnias sergipanas, vai se constituir no eixo central da correspondência que então se inicia, envolvendo um experiente pesquisador de campo e um professor do ensino secundário fascinado por antropologia [...] A julgar pelo acervo de correspondências do MUHSE, Willems foi o interlocutor mais frequente de Felte durante os anos de 1948 e 1949, justamente enquanto ele escrevia o livro *Etnias Sergipanas* (DANTAS & NUNES, 2009, pp. 50-51).

É o contato de Felte com Emílio Willems, Donald Pierson e Roger Bastide que traz contribuições essenciais à sua construção como intelectual e pesquisador. Ao externar as suas iniciais pesquisas e buscar contato com esses intelectuais, Felte consegue estabelecer uma ponte com a ELSP e a USP e, passa a receber até mesmo orientações teórico-metodológicas acerca de sua pesquisa, como as orientações de Willems sobre a sua coleta de dados empíricos.

O contato com Donald Pierson através de Oracy Nogueira é também um ponto importante a ser considerado. Os diálogos giravam em torno de discussões acerca do ensino e da pesquisa. Ao ter acesso à *Etnias Sergipanas*, Pierson se admira de Felte e do seu trabalho, que considera excelente e fundamental, principalmente no tocante as discussões das relações raciais. Esse diálogo se mostra fundamental para Felte, já que o livro *Branços e Pretos na Bahia*, de Pierson, serve também como inspiração para a escrita da sua obra, bem como a influência do pragmatismo da Escola de Chicago chega a Felte através de Pierson, que considera a investigação empírica como algo fundamental nos estudos das relações raciais no Brasil.

Outra grande influência teórica é Roger Bastide, que se admira das discussões antropológicas de Felte e sobretudo no que tange ao campo das religiões afro-brasileiras, o apreço de Bastide por Felte, garante a ele um certo privilégio em estar inserido nos debates do período e nas ciências sociais. Sem dúvidas, como encontramos nas cartas de Felte (DANTAS & NUNES, 2009) a sua interlocução foi muito mais ampla e alcançou diversos outros intelectuais. Pontuamos o trio de intelectuais estrangeiros, entendendo o lugar de destaque que essas influências proporcionaram a Felte Bezerra e, como esses diálogos permitiram um amadurecimento teórico e metodológico daquele jovem intelectual.

### **Etnias Sergipanas e a representação antropológica do homem sergipano**

*Etnias Sergipanas* é, sem dúvidas, uma obra singular em Sergipe, Felte Bezerra entrega para a sociedade o resultado de um trabalho antropológico sem igual. Devemos, aqui, fazer uma ressalva às limitações da obra à sua época e as teorias correntes naquele momento, mas esse fato não exime a genialidade do autor num trabalho pioneiro como este. Sob as orientações de Emílio Willems, a influência da ELSP e também do culturalismo encontrado em Gilberto Freyre, Felte constrói um estudo sobre a origem, a formação e as características do povo sergipano, tendo como base os grupos étnicos formadores.

O livro se divide basicamente em seis capítulos, que buscam retratar a influência europeia, indígena e africana em Sergipe, bem como uma análise do quadro dessas etnias em Sergipe e o debate acerca do contato e das relações raciais. Destacamos, aqui, os pontos principais desses capítulos e a proposta científica da obra em traçar os perfis que constituem o homem sergipano.

É na introdução que percebemos as minúcias do seu trabalho, Felte investiga as culturas africana e indígena e a civilização lusa na formação do Brasil, destacando os aspectos das interpretações desse processo. Ao retratar a imagem do negro e do índio nos séculos anteriores, Felte fala sobre uma prevalência da civilização ibérica e como ponto principal, o autor nos fala sobre o que chama de *stocks* raciais e, como os mais diferentes povos, durante a história, em razão de lutas, invasões ou até pacificamente, experienciaram uma troca de sangue e cultura que diminuiu cada vez mais a possibilidade de um povo puro.

Felte destaca um capítulo para tratar sobre o panorama da colonização sergipana. Embarca numa revisão histórica dos processos formadores de Sergipe, destacando os fins desta colonização, as suas tentativas iniciais, a ação militar de Cristóvão de Barros e os efeitos históricos das penetrações no território. Felte se debruça sobre o ciclo de mineração em Sergipe e os ciclos do couro, passeando pela fundação dos rios sergipanos, a devastação nas lutas holandesas, a reparação após os Batavos e, segue destrinchando a história de Sergipe e suas particularidades coloniais.

O autor destina o maior capítulo para tratar sobre o elemento europeu em Sergipe, as influências teóricas de Felte começam a ficar mais claras neste capítulo. É tratando sobre a adaptação do luso em terras brasileiras que ele inicia sua abordagem. De modo geral, o que interessa o autor, aqui, são as percepções de uma antropologia física sobre os tipos humanos observados. Desse modo, observa o louro como esse elemento europeu e se lança na tentativa de descobrir como a miscigenação atual nesse espaço e, de que modo centros como Lagarto e Itabaiana produziram o tipo alourado em Sergipe. É com essa investigação que Felte busca tratar sobre a influência dos holandeses em Sergipe, a influência galícia e como o processo de acomodação dos europeus em Sergipe del Rey permitiu uma troca bastante singular.

Ao tratar sobre o elemento africano em Sergipe, Felte busca reconstituir as memórias da diáspora africana e o tráfico negreiro. No negro, Felte encontra as raízes de um povo marcado pela escravidão, para não sermos tão repetitivos, Felte busca compreender essa influência em Sergipe acompanhando os processos que ocorriam

nacionalmente, desde o negro escravizado visto como instrumento ao negro que não foi preparado para a abolição. O negro inserido na nova lógica de um trabalho livre e de uma modernização dos hábitos, bem como a criação de redutos "africanos" e a conservação de hábitos. Outro ponto levantado por Felte é como dentro desses processos ocorre uma desafricanização, com forte influência da escola e da religião.

No que diz respeito à influência indígena, o autor considera essa em menor escala. Aborda os incessantes conflitos entre colonos e missionários, os aldeamentos e o *indianismo* do século XIX. Felte nos mostra que, em meio às reações ofensivas dos índios, houveram reações escravagistas dos colonos, o que ocasionou uma fuga do índio para o ocidente.

No penúltimo e mais significativo capítulo, intitulado *Etnias Sergipanas*, Felte aborda os quadros étnicos em Sergipe, destacando a variedade dos cruzamentos e os efeitos da miscigenação. Nos mostra, ainda, a capacidade de migração do branco, a característica mameluca na zona sertaneja e a derivação negra do pós-abolição. Além de evidenciar a impossibilidade de uma classificação étnica, o autor traz os dados sobre a população sergipana, a queda no crescimento relativo, bem como outros tantos pontos investigados por sua antropologia física.

Podemos dizer que o último capítulo denota uma certa imersão dentro dos debates raciais de sua época. Ao tratar sobre contato e relações de raça, Felte destaca uma preocupação com a *branquidade*, tocando em pontos como a ausência do preconceito de raça e um preconceito de cor vencido por uma elevação de *status*. Exemplifica isso ao evidenciar os casamentos interraciais e a ausência do perigo da miscigenação.

Sendo assim, mesmo sendo uma obra de grande valor acadêmico, é bem verdade que o livro se apresenta num contexto em que os debates raciais ganhavam dimensões cada vez maiores, sobretudo com o início do projeto da UNESCO. Podemos afirmar que o trabalho historiográfico de Felte é de um rigor teórico e metodológico que nos remete rapidamente à Gilberto Freyre, mas, no que se refere ao debate racial, Felte acaba acompanhando as tendências deste e, em primazia da cultura em relação à raça, mascara fatos que deixam escapar contradições, como o fato de anunciar uma ausência do preconceito de raça e o abandono da preocupação com a miscigenação, quando também anuncia a preocupação com a *branquidade* e com a estética branca como padrão. Portanto, *Etnias Sergipanas* é, de fato, uma obra pioneira e inaugura os estudos antropológicos em Sergipe de modo muito significativo, representa um retrato do esforço intelectual de Felte na busca do seu povo.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Felte pode, com toda a certeza, ser chamado de “o grande antropólogo sergipano”, para além das definições institucionais do que é ser antropólogo, Felte viveu a Antropologia e se dedicou com afinco a esta nobre ciência. Os caminhos abertos por ele trouxeram as ciências sociais em Sergipe, o seu rigor metodológico contribuiu de modo importante para o desenvolvimento das ciências humanas em Sergipe. Portanto, precisamos colocar Felte Bezerra no hall dos grandes intelectuais sergipanos, como Silvio Romero, Fausto Cardoso e Tobias Barreto, devemos fazer jus aos esforços empreendidos por ele na construção e desenvolvimento do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe, da Faculdade Católica de Filosofia de Sergipe, da Academia Sergipana de Letras e do magistério sergipano.

Para encaminharmos a conclusão deste trabalho, traremos aqui o período entre 1972 e 1988, que compreende o segundo momento da vida intelectual de Felte, período em que ele retoma o seu interesse pela antropologia e busca o seu retorno ao campo. Segundo Dantas (2006), ao retomar suas leituras, Felte enfrenta o primeiro obstáculo, pois, além de ter doado toda a sua biblioteca para a Faculdade de Filosofia, teria que se atualizar às discussões da época. Mas se isso poderia lhe oferecer alguma dificuldade, Felte utilizou de sua influência e de seus antigos contatos para compor um novo acervo bibliográfico e para se inserir nos novos debates.

Impossibilitado de voltar a lecionar regularmente, pois não possuía mais os canais de acesso e não tinha os títulos acadêmicos, já que naquele momento os docentes eram selecionados entre a concorrência do mercado, que era marcado pelas pós-graduações que surgem e se consolidam nas décadas de 1960 e 1970, Felte não perdeu o gosto pela escrita e nas décadas de 70 e 80 continuou os seus trabalhos, escrevendo obras antropológicas mesmo estando num contexto da Antropologia feita, principalmente, dentro das Universidades.

Mais que um intelectual, como Câmara Cascudo o costumava chamar, Felte foi o "Historiador do homem sergipano" (SÁ, 2009, p. 259). Foi o intelectual que estudou sua terra, sua gente e construiu os alicerces da pesquisa antropológica em Sergipe, Felte representa a paixão de um intelectual pelo seu lugar e por seu campo. É descrito como um dos melhores pesquisadores por José Calasans, que faz referência ao seu livro *Investigações histórico-geográficas de Sergipe*. Maria Thetis Nunes cita a sua vocação

para o ensino e destaca suas qualidades como docente, sua didática e o modo como transmitia seu conhecimento.

Portanto, Felte deixa sua marca através de suas várias publicações, continuou publicando até 1988, mesmo estando fora do circuito acadêmico da época. Apesar de ter deixado as salas de aula em 1959, Felte continuou ensinando através de seus escritos, suas pesquisas demonstravam a grande paixão que tinha pela Antropologia. A Antropologia sergipana que se desenvolve posteriormente necessita olhar para Felte como uma referência de intelectual, que, ao seu modo e, em sua época, esteve no campo e para o campo.

## **REFERÊNCIAS**

CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. O que é isso que chamamos de antropologia brasileira. *In: Sobre o pensamento antropológico*. P.109-28; Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1988.

CANDIDO, Antônio. A Sociologia no Brasil. São Paulo, **Revista Tempo Social**, [1960] 2006.

DANTAS, Beatriz Góis. Felte Bezerra: um homem fascinado pela antropologia. **Revista TOMO**, Aracaju, 2006.

DANTAS, Beatriz Góis; NUNES, Verônica M. M. **Destinatário, Felte Bezerra: cartas a um antropólogo sergipano (1947-59 e 1973-85)**. São Cristóvão, Editora UFS, 2009.

PEIRANO, Mariza. A antropologia como ciência social no Brasil. **Etnográfica**, Vol. IV (2), pp. 219-232, 2000.

SÁ, Antônio Fernando de Araújo. Felte Bezerra e a historiografia sergipana. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe**, Aracaju, 2009.

SANSONE, Livio. Estados Unidos e Brasil no Gantois. O poder e a origem transnacional dos estudos Afro-brasileiros. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, vol. 27, núm. 79, Junho, 2012, p. 9-29.